



Lorenzo Viotti, 27 anos, surfista, é o novo maestro titular da Gulbenkian

O franco-suíço, que está habituado a dirigir grandes orquestras desde que se estreou, vai substituir o inglês Paul McCreesh. Diz ele que deve tudo ao pai e a Debussy. E que na sua profissão o lado humano conta muito

Orquestra Gulbenkian Lucinda Canelas

É já a partir da temporada 2018/19 que Lorenzo Viotti pega na batuta principal da Orquestra Gulbenkian. O franco-suíço de 27 anos foi o escolhido para ocupar o cargo de maestro titular, substituindo o inglês Paul McCreesh, divulgou ontem a Fundação Calouste Gulbenkian.

Antes de assumir funções em pleno, Viotti vai dirigir dois programas do próximo ano, a 18 de Fevereiro (obras de Maurice Ravel e de Johann e Richard Strauss) e a 13 de Abril (Brahms e Beethoven, com o solista Yefim Bronfman ao piano).

Viotti apresentou-se com a Orquestra Gulbenkian pela primeira vez em Janeiro deste ano, num programa com música de Wagner, Chausson, Debussy e Scriabin. Mais tarde, em Abril, regressou para dirigir Mahler, Webern e Rachmaninov, numa noite em que tinha a seu lado uma das cantoras líricas mais aplaudidas da actualidade, Waltraud Meier.

No primeiro, diz Risto Nieminen, director do serviço de música da Gulbenkian, Lorenzo Viotti demonstrou o seu talento na direcção de um “programa denso”, “muito exigente”; no segundo, a capacidade de trabalhar com “solistas de grande qualidade e de renome internacional”.

“Lorenzo Viotti é ainda muito jovem, mas tem uma maturidade incrível”, defende Nieminen, que coordena a área da música na fundação desde 2009, justificando a escolha. “É um maestro que tem muita procura a nível internacional, mas que estabeleceu de imediato uma relação diferente com a nossa orquestra, uma ligação.”

Viotti parece estar de acordo com esta leitura de Nieminen: “Nos primeiros concertos descobri uma orquestra tecnicamente forte e com uma visão muito musical da interpretação. Isto foi algo que achei verdadeiramente impressionante”, diz o maestro, citado no comunicado em que a Fundação Gulbenkian torna pública a sua nomeação. “Uma or-

questra com uma grande vontade de fazer música e que consegue transmitir emoção e paixão. E isso dá-me prazer, porque senti uma grande oportunidade para algo de especial acontecer.”

Para o director do serviço de música, esse “prazer” que o trabalho é capaz de lhe trazer foi algo que o jovem maestro soube partilhar desde a primeira hora, tanto com os músicos da casa, como com os da Orquestra Jovem Gustav Mahler, formação de Viena fundada nos anos 1980 pelo maestro Claudio Abbado, de que foi maes-

tro assistente e que faz residências na Gulbenkian.

Viotti também já demonstrou interesse, acrescenta o director do serviço de música, de trabalhar com o Coro Gulbenkian. “Ele tem uma grande energia e quer fazer de cada concerto uma ocasião para ser lembrada”, diz, recordando que, no de Abril, foram muitos os que no final esperaram que o maestro saísse do camarim para conversarem com ele. “As pessoas quiseram falar-lhe e isso prova que consegue comunicar através da música. E, para ele, este contacto com o público é muito natural.”

O contrato de Viotti com a Fundação Gulbenkian é de três anos, renovável por mais dois, e prevê que venha a desenvolver “o perfil artístico da orquestra” em programas que

incluam obras desde o repertório clássico ao contemporâneo, acrescenta o comunicado. Paul McCreesh, que chegara à fundação em 2013, assinou apenas por três temporadas (saiu no final da de 2015/16).

Debussy e o pai

Nascido em Lausanne, na Suíça, numa família de músicos de origem italiana e francesa em que se destaca o pai, o também maestro Marcello Viotti (1954-2005), o novo titular da Gulbenkian começou por estudar piano, canto e percussão em Lyon e Viena, antes de optar pelas aulas de direcção de orquestra, primeiro com Georg Mark em Viena e depois com Nicolás Pasquet em Weimar.

O gosto pela música começou muito antes, contou ao jornal italiano *Corriere della Sera*, em Julho, e levou um miúdo que tinha na altura seis anos e que acabara de ouvir *Pelléas et Mélisande*, de Debussy, a perguntar ao pai o que fizera o maestro para evocar tamanha magia. O pai não só conversou com ele a respeito, como o encorajou. “Devo tudo a Debussy e ao meu pai”, admitiu na mesma entrevista em que também fala da morte de Marcello Viotti para dizer

que “não estava preparado para o perder tão cedo” (tinha 14 anos): “Nenhum de nós estava, muito menos a minha mãe, que por ele e pelos quatro filhos [todos músicos] renunciou a uma carreira como violinista.”

Homem “extraordinariamente generoso”, de “trato elegante”, Marcello Viotti ensinou-lhe, com o seu exemplo, que um maestro não deve ser caprichoso: “O ‘maestro diva’ não me interessa, não acredito em fogo-de-artifício.”

Estreou-se como profissional a dirigir uma orquestra em Tóquio, aos 24 anos, e, aos 25, ganhou o importante prémio para jovens maestros do Festival de Salzburgo (Áustria), captando definitivamente a atenção de directores artísticos e de teatros internacionais. A partir daí, os convites intensificaram-se, levando-o a trabalhar com orquestras de grande prestígio, como a Nacional de França, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Viena, a de Câmara de Mahler e a londrina Royal Philharmonic Orchestra.

A avaliar pelas declarações ao *Corriere della Sera*, para a Gulbenkian deverá trazer o seu modo de trabalhar, muito próximo dos músicos, mas firme: “O lado humano conta muito nesta profissão. O ‘maestro autoritário’ já passou de moda, mas na orquestra a democracia não serve. A responsabilidade do concerto é minha, como é minha a culpa se alguma coisa não funciona.”

Entre as várias produções de ópera em que já participou em Frankfurt, Dresden, Zurique, Estugarda, Lyon, Tóquio, Paris ou Veneza, salta à vista a opereta *La belle Hélène*, de Offenbach (Théâtre du Châtelet), *La Cambiale di matrimonio*, de Rossini (La Fenice), e *Rigoletto*, de Verdi (Ópera de Estugarda).

Em Portugal Lorenzo Viotti não terá apenas oportunidade de trabalhar com uma grande orquestra, terá certamente espaço para, nos tempos livres, se dedicar a duas das suas paixões: “Adoro o surf, o boxe e o mar da Sardenha...”, disse ainda ao *Corriere*. Talvez daqui a pouco possa juntar a esta lista o mar do Guincho.



O ‘maestro autoritário’ já passou de moda, mas na orquestra a democracia não serve. A responsabilidade do concerto é minha, como é minha a culpa se alguma coisa não funciona

Lorenzo Viotti
Maestro

lcanelas@publico.pt